



**SOLLEMNITAS
NATIVITATIS
DOMINI NOSTRI
JESU CHRISTI
2010**

Litteræ Ministri Generalis Ordinis Fratrum Minorum

NATAL: SANTIDADE E MISSÃO

Queridos irmãos e irmãs!

O Verbo feito carne faça sua tenda no coração de cada um de nós e em nossas Fraternidades (cf Jo 1,14) e nos encha de gozo por sua vinda. Só assim será Natal para todos nós: a festa do Deus que se faz homem, e do homem que é elevado definitivamente à categoria de filho no Filho, e é libertado e redimido na Aquele que deu sua vida em resgate por nós (cf Mc 10,45).

É Natal: o Pai, movido por amor à humanidade, ao completar-se a plenitude dos tempos, nos enviou seu próprio Filho, *nascido de mulher* (Gl 4,4). É Natal: Deus se inclinou definitivamente diante da humanidade decaída através da pessoa do Filho. É Natal: já não estamos abandonados à nossa própria sorte. O Altíssimo tem um nome: *Emanuel, Deus conosco* (Mt 1,23). É Natal: como os pastores, corramos para encontrar-nos com o recém-nascido, para depois comunicar aos outros o dom recebido (cf Lc 2,18).

FAZENDO MEMÓRIA DO PASSADO COM GRATIDÃO

O ano de 2010, que estamos por finalizar, nos trouxe à memória três acontecimentos importantes: o VI centenário da implantação da hierarquia católica em China, sendo nomeado primeiro arcebispo de Pequim João de Montecorvino, o V centenário da morte de São Francisco Solano e o 150º aniversário da morte dos Mártires de Damasco, Beato Manuel Ruiz e companheiros.

João de Montecorvino deixa Itália para ir evangelizar no Extremo Oriente. Deixa-nos o exemplo de uma evangelização inculturada. Homem apaixonado pela causa do Evangelho, o que o levou a traduzir ao chinês o Novo Testamento e os Salmos, a construir numerosas igrejas e casas para a população, a ensinar latim e grego, e a formar os jovens para que fossem o futuro clero do Oriente. Fez-se chinês com os chineses.

São Francisco Solano deixa Espanha, sua terra natal, para anunciar a Boa Nova na América. Solano nos deixa um exemplo de missão itinerante, criativa e popular. Durante 14 anos percorreu a pé o “Chaco” Paraguai, Uruguai, Rio da Prata, Santa Fé, Córdoba (Argentina) e Perú, onde morre. Aprendeu as línguas dos nativos, e, para conquistar o coração dos guaranis, evangelizou com o canto, a guitarra e o violino. Pregava *inter gentes*: nas oficinas, nas ruas, nas igrejas e nos palcos de teatro.

Os Mártires de Damasco, em sua maioria espanhóis, movidos pelo Espírito, não duvidaram em ir entre “sarracenos” (cf

1R XVI, 1ss.) e, chegando o momento, testemunharam, como Fraternidade, sua fé, derramando seu sangue por Cristo. Eles nos deixam o testemunho de uma missão autenticada com o martírio. Esta segue sendo ainda hoje a culminância de toda a missão evangélica e franciscana, pois, como disse Jesus no Evangelho, “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus próximos amigos” (Jo 15,13).

PARA QUE SIGAMOS SEU EXEMPLO

Por esses irmãos nossos, que gastaram sua vida pelo anúncio do Evangelho longe de suas terras e de suas culturas de origem, e por seu testemunho heróico de vida cristã e franciscana “*damos graças ao Altíssimo Senhor Deus, de quem procede todo o bem*” (Adm VII,4), tendo bem presente, porém, a admoestação do Pai São Francisco que nos alerta contra a tentação de querer receber glória pelo que os outros fizeram (cf Adm VI,3).

E para não cair nessa tentação, precisamos deixar-nos questionar por sua vida, acolhendo, em modo cordial e disponível, o exemplo que nossos irmãos nos deixaram. Só assim poderemos cantar suas glórias. No momento em que olhamos com gratidão o passado, voltando o olhar ao futuro para o qual nos empurra o Espírito (cf *Vita Consecrata* (=VC), 110) para abraçá-lo com esperança, queremos acolher com profunda gratidão o melhor de nosso glorioso passado a fim de atualizá-lo e “*nutrir a partir de dentro, com a oferta libertadora do Evangelho, o nosso mundo fragmentado, desigual e faminto de sentido, tal como fizeram em seu tempo Francisco e Clara de Assis*” (*O Senhor te dê a paz*, 2).

Sede santos como vosso pai celeste é santo

O que por primeiro temos a acolher do testemunho desses irmãos é o chamado à santidade. Se hoje os recordamos é exatamente por isso, porque levaram a sério o Evangelho. Sua vida nos recorda, acima de tudo, que também nós somos chamados a sermos santos. O Vaticano II no Capítulo V da Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja nos recorda a vocação universal à santidade, entendida “em seu sentido fundamental de pertencer Àquele que por excelência é o Santo, o três vezes Santo” (João Paulo II, NMI 30). Penso que a afirmação de Paulo “*esta é a vontade de Deus: a vossa santificação*” (cf 1Ts 4,3), dirigida a todos os cristãos, deve ser assumida como um apelo pessoal e urgente por quem, como nós, optamos “*seguir mais de perto a Cristo*” (CCGG 5,2). Nossa vocação não se entende se



não desde uma renovada e generosa resposta para alcançar a perfeição do amor (cf LG 40), quer dizer: a santidade.

Queridos irmãos: quando constantemente se fala da necessidade de revitalizar a vida e a missão de todos os consagrados, e se afirma que disso depende a significatividade de nossa vida, “*seria um contra-senso contentar-se com uma vida medíocre, vivida segundo uma ética minimalista e uma religiosidade superficial*” (João Paulo II, NMI 31). Quando falamos da necessidade de *caminhar a partir do Evangelho*, não podemos renunciar a viver o radicalidade evangélica, tal como nolo propõem Francisco na forma de vida que abraçamos, as Constituições gerais, que são a atualização da Regra, e o Magistério da Igreja. Pelo contrário, sentimos “*a necessidade de não domesticar as palavras proféticas do Evangelho para adaptá-las a um estilo de vida cômodo*”. É hora, irmãos e irmãs, “*de acolher o Espírito e de sentir a urgência evangélica de nascer de novo (Jo 3,3), tanto no âmbito pessoal como institucional*” (O Senhor te dê a paz, 2).

O projeto de vida fundamental de todo batizado, e muito mais de um consagrado, é este: “*sede santos como é santo vosso Pai celeste*” (Mt 5,48). Peço que em nossas casas de formação e em nossas Fraternidades se faça ressoar com força o apelo urgente a este *alto grau* da vida ordinária. Peço que cada um se questione em sua própria vida à luz deste chamado à santidade e da radicalidade de vida evangélica.

A Igreja e a sociedade necessitam de homens e mulheres que vivam totalmente no Senhor, para que Ele seja tudo em todos. A Igreja e a sociedade necessitam de pessoas “*sedentas do Absoluto de Deus*” e “*testemunhas da santidade*” (VC 39). A Igreja necessita da fé dos simples e dos *menores* para derrubar os ídolos da sociedade atual que tentam roubar-nos o coração (cf Bento XVI no Sínodo para o Oriente Médio). A Ordem dos Frades Menores e a inteira Família Franciscana tem necessidade de irmãos e irmãs que, contemplando o rosto *transfigurado* do Senhor, se sintam chamados a uma existência *transfigurada*. Nossa Ordem e nossa Família contam com uma das constelações mais belas de santidade. Não podemos permitir que isto seja um simples dado de crônica. Não podemos contentar-nos em transmitir essa rica história do passado, temos de seguir escrevendo uma rica e maravilhosa história de santidade no presente.

Nesta encruzilhada em que nos encontramos, precisamos da fantasia dos santos para uma revitalização profunda de nossa vida e missão. Temos necessidade de irmãos santos para chegar ao coração das massas famintas por uma palavra de vida autenticada com a própria existência; necessitamos desses *testemunhas de luz* que iluminem nosso caminho de fidelidade criativa e generosa.

Ide e anunciai o evangelho a toda a criatura

A Igreja nasce e vive para a missão, pois tem sua origem no Filho enviado pelo Pai. Ele é o primeiro missionário. Também nossa Ordem é, em sua identidade mais profunda, uma Ordem missionária. Somos *chamados* para sermos “*enviados ao mundo inteiro*” (Ord 9), de tal modo que a missão em sentido amplo (missão *inter gentes*) e em sentido específico (missão *ad gentes*) é a chave para entender e revitalizar os elementos essenciais de nossa forma de vida.

Exemplo de João de Montecorvino, de Francisco Solano e de Manuel Ruiz e Companheiros mártires nos fala de missão *ad gentes*, *de ir pelo mundo, como peregrinos e forasteiros, para restituir, com a vida e a palavra, o dom do Evangelho. Se a missão é “o indicador exato de nossa fé em Cristo e em seu amor por nós” (RM 11), então podemos afirmar muito bem que a missão ad gentes é o termômetro da vitalidade da Ordem.*

O Capítulo geral de 2009 aprovou seis projetos missionários. Não podemos aprovar aquilo que depois não estamos dispostos a respaldar com pessoas e com solidariedade econômica. Uma coisa é não poder, outra muito distinta é desinteressar-se. Seria uma irresponsabilidade de nossa parte. A Ordem nos pede um compromisso sério com tais projetos.

Sem esquecer nenhum dos projetos aprovados pelo Capítulo (cf *Decisões Capitulares* 21-27), particularmente a presença franciscana nos Vicariatos da Amazônia, onde estamos já desde o século XVI, hoje quero chamar vossa atenção sobre a missão de Terra Santa e de Marrocos.

Em relação à missão da Terra Santa, a “missão internacional mais importante da Ordem” (Capítulo 2009, *Decisões Capitulares* 22), peço que se leve em conta nossa legislação que pede: “*Procure cada uma das Províncias ter sempre na Custódia da Terra Santa um ou mais irmãos idôneos que nela prestem seu serviço pelo menos durante quatro anos*” (EEGG 73). No que se refere a Marrocos, não podemos esquecer que é a “missão originária da Ordem, iniciada com o testemunho dos primeiros mártires” (Capítulo 2009, *Decisões Capitulares* 22). Ambas as missões estão carentes de pessoal. É uma verdadeira urgência. A Ordem não pode renunciar a essas presenças missionárias que fazem parte de nosso patrimônio histórico e espiritual. Peço aos Ministros um esforço para enviar algum irmão a estas missões, ainda que isso exija redimensionar alguma das presenças nas Províncias.

O compromisso em favor das missões deve começar já na formação inicial, para continuar na formação permanente. Para isso considero que na formação inicial se pre-



cisa formar numa nova consciência e sensibilidade para a missão, como parte integrante de nossa vocação franciscana, transmitindo a visão teológica que a Igreja tem sobre a missão. É necessário acender o “fogo apostólico” no coração de nossos jovens e animar as aspirações e os pedidos dos jovens para a missão. É mister fazer ressoar de novo a interpelação de Jesus: “Ide vós também para a minha vinha!” (Mt 20,7). É preciso desenvolver um projeto de formação que possibilite depois ir em missão: um projeto que parta do Evangelho; um projeto que seja realmente exigente no essencial de nossa vida – na dimensão contemplativa, fraternidade e minoridade –, sem cair na rigidez; um projeto que forme numa espiritualidade missionária, caracterizada, como nos ensinam João de Montecorvino, Francisco Solano e os Mártires de Damasco, pela presença inculturada, pela solidariedade, fraternidade, criatividade e pelo testemunho de vida.

Esta animação na formação inicial há de ser acompanhada durante o período de formação permanente com jornadas sobre a missão, o redimensionamento das estruturas provinciais em função da missão *inter gentes* e *ad gentes*, o envio de algum irmão para um dos projetos missionários da Ordem.

Enquanto com muita confiança lhes entrego estas reflexões, peço ao Senhor que ilumine nossas mentes e mova nossos corações para discernir sua santa vontade e

colocá-la sempre em prática (cf *Oração diante do Cristo de São Damião*).

CONCLUSÃO

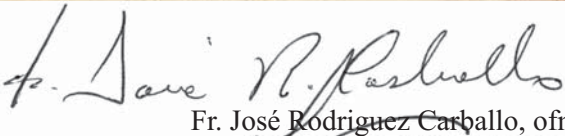
É Natal! Sim, Deus se fez um de nós. “Deus está na Terra: quem não será celeste? Deus vem a nós, nascido de uma Virgem: quem não se fará divino hoje e desejará a santidade da Virgem? Deus está envolto em panos: quem não se fará rico da divindade de Deus se acolher alguém humilde?” (Sofrônio de Jerusalém, *Homilias*, Roma, 1991, 55-57).

Queridos irmãos e irmãs! *Vamos sair* ao encontro do Deus que vem, do Deus que faz história conosco. *Vamos sair* de nós mesmos para acolher a graça da santidade que vem do Menino de Belém. *Vamos sair* de nossas comodidades e seguranças para ir *inter* e *ad gentes*, pois há falta de uma Boa Notícia: “Hoje vos nasceu um Salvador, o Messias, o Senhor” (Lc 2,11). *Vamos sair*, sejamos menos *auto-referenciais*, como nos pediu o último Capítulo geral, recordando-nos o exemplo do Filho de Deus (cf Fl 2,6-7; PdE 14). *Vamos sair*, o Filho do Altíssimo nos precedeu.

*Meus queridos irmãos e irmãs:
Feliz Natal do Senhor!*

Roma, na Sede da Cúria geral,
1º de novembro de 2010,
Solenidade de todos os Santos.




Fr. José Rodríguez Carballo, ofm
Ministro geral OFM

Vosso Ministro e servo

